

Itália em fragmentos: aspectos turísticos, culturais e vulcanológicos

Geraldo Norberto Chaves Sgarbi*
gncsgarbi@gmail.com

1 Introdução

Itália é a terra que Goethe denominou de “Bel Paese” devido à amenidade de seus climas e a luminosidade de seus mares, céus, montanhas e florestas. É um país de história antiga, porém de unidade recente, sendo ainda uma potência econômica e industrial, com um pé no passado e outro no presente. Para definir esse país, misture Leonardo, Dante, Michelangelo, Mussolini e Ferrari. Coloque tudo em uma península mediterrânea, estreita e meridionalmente alongada na forma de uma bota, do tamanho de uma meia Minas Gerais, onde apenas dois terços do território pode ser convenientemente habitado devido às montanhas, e que encerra mais de cinquenta por cento de toda a herança cultural do ocidente. Em termos de relevo, do sul vem os Apeninos, desde a ilha da Sicília, atravessa o estreito e envolve a península na forma de um esse, prolongando-se para o norte e terminando defronte à vasta planície do Pó, sob a sombra dos imponentes Alpes meridionais, de onde o país se estende até as fronteiras com a Suíça e Áustria. Desenhe grandes fraturas crustais ativas, cortando as várias placas tectônicas locais, tornando os terrenos geologicamente instáveis e sujeitos a terremotos e vulcanismos. Instale climas diversos: continental ao norte com invernos com neve, verões quentes e úmidos; e, mediterrâneo ao sul, com invernos moderados, verões quentes e secos, tendendo à aridez na Sicília e Sardenha. No sentido anti-horário, coloque os quatro mares italianos: Ligúria, Tirreno, Jônico e Adriático, todos com personalidades e costas características, tornando o país peninsular e insular. Espalhe vulcões à vontade, os maiores e mais perigosos da Europa: ativos, passivos e em vigília, localizados nos fundos marinhos, nas costas, nas montanhas, alguns praticamente dentro de cidades populosas. No final, semeie tudo com um povo antigo, sofrido, autêntico, carinhoso e sonoro, às vezes selvagem, aprisionado dentro de seu novíssimo país. Isso é a Itália, a querida e odiada Itália, na visão de um brasileiro que por um ano sofreu e se encantou com um país que é uma singular mistura de mel e fel. Talvez tais características sejam a razão da persistência, na história, do gênio italiano, o qual, seja para o bem ou para o mal, influenciou de modo definitivo a nossa sociedade ocidental.

* Professor do Departamento de Geologia, Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Geólogo, PhD pela Universidade de Brasília (UnB)/Período sandwich na University of Chicago, EUA, Pós-doc na Università Degli Studi de Perugia, Italia.

2 Restaurantes e turismo

A importância e o valor do patrimônio cultural italiano não é ignorado por ninguém. Estrangeiros, que totalizam 50 milhões por ano deixam, nesse período, cerca de 50 bilhões de euros só com o turismo, atividade que representa nada mais nada menos que 7% do produto interno bruto do país. No entanto, esse patrimônio é mal gerenciado e negligenciado, se compararmos com aqueles de seus colegas da Europa Ocidental, os quais, com patrimônios turísticos visivelmente inferiores ao da Itália, suscitam aos turistas, vontade de retornar no futuro, devido à alta qualidade dos serviços. Na Itália, sucede exatamente o contrário; é comum o turista, ao tentar visitar um museu, encontrar um cartaz informando que esse está fechado por motivo de “greve dos funcionários” ou por “motivo de férias”. Aliás, as greves são uma característica do país, sendo denominadas de greves selvagens, pois acontecem de surpresa, apesar do acordo com o governo, que prevê um aviso com dez dias de antecedência. Elas podem abranger toda uma região, com a paralisação total dos serviços de ônibus, trens e aviões. O incômodo que essa situação causa ao turismo e ao país como um todo pode ser facilmente imaginado. Um exemplo recente do grevismo selvagem que ocasionalmente grassa no país ocorreu ao final de 2006, mais precisamente no dia 23 de dezembro, quando foi deflagrada, por quatro dias, uma greve nacional dos trabalhadores em jornais, paralisando diários de grande circulação do país, como o **La Repubblica**, **La Stampa**, **Corriere della Sera**, e outros. Situação inimaginável em outro país europeu.

Em um período de economia debilitada há anos como a italiana (crescimento anual da economia de ínfimos 0.3% em 2002), nesses primeiros anos da implantação do euro, era de se esperar um maior cuidado governamental com o turismo. Entretanto, nada se faz para mudar o cenário, implantado-se um serviço mais profissional aos turismos cultural e tradicional, que representam grande fonte de ganho e de empregos. Iniciativas isoladas para diagnosticar o setor, às vezes, são levadas a efeito pelo órgão que cuida do setor, o Ente Nazionale Italiano per il Turismo (ENIT) que produziu, em 2002, um dossiê que indicou os principais defeitos apontados por visitantes estrangeiros no universo turístico italiano. Um dos mais mencionados é sobre a dificuldade de se fazer conexões ferroviárias, especialmente, em direção ao sul do país. Outra queixa é sobre o alto custo das tarifas e a baixa relação qualidade-preço das coisas e serviços. Também o limitado conhecimento da língua inglesa, tanto pelos habitantes do país em geral, como pelos funcionários dos escritórios turísticos, aliados a ignorância na oferta turística e de seus produtos típicos. Com relação ao idioma inglês, pode-se notar na Itália uma verdadeira aversão a esse idioma pelo povo comum adulto. Os motivos são histórico, provavelmente devido em parte aos selvagens e sem sentido bombardeios britânicos afligidos a muitas cidades italianas, mesmo quando a segunda guerra mundial já estava definida. O que não ocorre com os jovens, globalizados e normalmente com o inglês afiado. Assim, ao se sair da Itália para o norte da Europa, a situação se modifica completamente. Na Bélgica parece que todos falavam em inglês, desde o motorista de ônibus ao vendedor de jornais nos trens.

No censo do ENIT, os alemães, em particular, reclamaram que a estrutura de recepção aos turistas na alta estação é “reservada somente à clientela italiana”, e os percursos turísticos são muito breves e superficiais. Dos japoneses vem duras críticas, relacionadas à falta de conexões aéreas, difusão insuficiente dos horários de ônibus urbanos e intermunicipais, dos precários serviços de ligação entre as grandes cidades, aliadas à insuficiência de transporte entre os aeroportos internacionais, a falta de transporte aos centros de esporte de inverno, e aos preços abusivos de hotéis, albergues e de serviços, com relação a qualidade destes.

Os serviços de restaurantes nas grandes cidades da Itália encontram-se em níveis inferiores aos de cidades semelhantes nos demais países da Europa Ocidental, notadamente com relação à Alemanha, Áustria e Inglaterra. As principais críticas, cujas fontes são a imprensa italiana são:

- Raramente encontra-se um cardápio traduzido para o inglês, o que causa constrangimentos diversos, notadamente se o garçom não é lá muito paciente o que não é nada incomum. Em alguns cardápios, a tradução para o inglês é simplesmente macarrônica;

- Em nenhum outro país da comunidade européia – e creio que no mundo - existe, como em muitos restaurantes, a *tassa de coperto* (sim, a taxa relativa a toalha que cobre a mesa), particularidade italiana que esse próprio autor descobriu em Veneza, em um restaurante comum, mas com preço de comida de grife. Foi hilariante o esforço do gerente, que inutilmente tentava explicar um procedimento tão exótico e descarado;

- Raramente o cardápio propõe o “prato do dia”, prática útil para os clientes e difundida na maioria dos restaurantes europeus;

- Apenas em restaurantes de luxo há o hábito de se abrir o vinho na presença do cliente, assim como oferecer sua prova antes de servi-lo;

- Todo prato pedido fora da Itália vem servido com sua devida guarnição. Na Itália, ao se pedir uma bisteca, serve-se apenas um pedaço solitário de carne no prato.

Muitos hotéis italianos do nível duas estrelas simplesmente não servem o “*la colazione*” ou o café da manhã; entretanto, suas tarifas são as mesmas daqueles estabelecimentos de mesma hierarquia no exterior que oferecem esse serviço. Tal mau costume parece ser fruto de uma mistura de usura e comodidade, pois qualquer mercado na esquina oferece uma enorme variedade dos inigualáveis pães italianos, assim como queijos, sucos e salames, que poderiam ser servidos no hotel. Não deixa de ser um grande incômodo ter que sair à rua para o primeiro lanche do dia. Esse comportamento contrasta com o dos hotéis e albergues similares da Alemanha e Áustria, que normalmente servem um reforçado e variado café da manhã em grandes mesas comunitárias de madeira, repletas de pães, manteigas, queijos caseiros, sucos e frutas, compartilhados, na alta temporada, pela eclética e divertida clientela presente.

No interior do país existem, contudo, restaurantes de qualidade, com preços acessíveis, sem a afetação e usura de muitos restaurantes dos grandes centros.

No interior da Toscana ou na Umbria, um almoço típico consiste em uma seqüência de pratos individuais que tradicionalmente segue uma regra: primeiro o antipasto, uma entrada leve, que objetiva aguçar o apetite e que pode ser, por exemplo, fatias de pão com molho de espinafre ou mexilhões com limão, fritos no azeite de oliva. Segue-se o “*primo piatto*”, que consiste geralmente na “*pasta*” (macarrão) com molho. Em seguida, esse prato é substituído pelo “*secondo piatto*”, que forma a *pièce de resistance* da refeição, que pode ser, por exemplo, costeletas ou filé de peixe, também com molho. Tudo regado ao excelente e acessível vinho de mesa ou de safra, que não é engarrafado e sim estocado em tonéis de madeira e servido em jarras. Por último, vem a sobremesa ou o “*dolce*”, que pode ser frutas, sorvete ou algum doce típico, acompanhado por licor. Esse ritual não é apenas para privilegiados. Alunos de graduação da Universidade de Perugia, em viagens para o interior fazem questão de segui-lo, ao jantar. Entretanto, se o cliente for um abonado *connaisseur*, pode dispor de vinhos que alcançam mais de mil euros a garrafa (CITA et al. 2004), resultado de mais de três mil anos de cultivo de uvas e confecção de vinhos, atividade que se estende por toda a península italiana.

O alto grau de informatização da sociedade européia, os italianos na linha de frente, tem proporcionado à criação de novos serviços ligados ao turismo. Na Itália, entre abril e junho de 2002, cerca de 1000 novas empresas não tradicionais ligadas a informações turísticas foram criadas no país (GRION, 2002), em atividades que vão deste o turismo geriátrico –tem-se um verdadeiro boom de viajantes de cabelos brancos, com 40% do total com mais de 65 anos, sendo que esse turismo sênior fatura, no país, cerca de 14 bilhões de euros/ano -, passando pelo aficionados em gastronomia (*gastronautas*), à criação de museus personalizados “*pescando*” o melhor disponível na rede, até ao “*tutor delli aree verdi*”, programas para amantes da jardinagem,

que fazem roteiro de visitas em velhos jardins, envolvendo a conservação e reestruturação desses.

Algumas cidades dignas de serem visitadas na Itália são:

Milano foi fundada pouco antes de 400 a C, quando habitantes da Gália se fixaram na planície do Pó, expulsando os etruscos, já em declínio. Posteriormente, foi conquistada pelos romanos que a denominaram Mediolanum ou Roma Secunda devido à sua posição estratégica. Foi assolada pelos bárbaros, lombardos, espanhóis e austríacos, quando esses se retiraram em 1859, e a cidade foi incorporada ao Reino da Itália. Atualmente, é conhecida como a capital econômica e cultural da Itália. Cidade dos clubs e cafés é uma moderna e eclética cidade de bistrôs. Locais de interesse são o Palazzo Bagatti-Valsecchi, considerado um dos mais finos museus da Europa, a Via Montenapoleone, onde os maiores desenhistas de modas e sedes empresariais da Itália se concentram, o Domo de Milão, o símbolo mais importante da cidade e a terceira maior catedral do mundo, o Castello Sforzesco construído pelo Duque Francesco Sforza em estilo gótico-renascentista com interiores desenhados por Leonardo e Bramante, a Galleria Vittorio Emanuele, o Teatro La Scala além dos três maiores lagos do país, o Como, o Garda e o Maggiore, que ficam na região.

Justamente em Milano, Leonardo da Vinci fez uma tentativa civilizatória no tocante a alguns costumes dos poderosos da época. Vejamos no que deu.

Depois de ser reconhecido como sendo o pai das máquinas voadoras, pintor de renome, construtor de pontes, fortificações e canais, eis que vem à tona o Mestre Leonardo, como o inventor do singelo guardanapo. Segundo Reis (1998), Ludovico Sforza, duque de Milano no início do século XVI tinha, em seus banquetes, o costume de atar coelhos às cadeiras dos hóspedes durante os banquetes, para os comensais limparem as mãos engorduradas em seus pêlos. Também a imundície do recinto após os banquetes e o comportamento chulo de todos induziu o Mestre, na época conselheiro do Duque, a inventar uma peça individual e quadrada de pano que ficava sobre a mesa a frente do convidado e a formular algumas regras de civilidade à mesa, a serem seguidas pelos comensais, dentre as quais são destacadas as seguintes:

- Não sentar-se na mesa, debaixo dela ou no colo de outro comensal;
- Não tirar comida do prato do vizinho;
- Não bolinar as e os serviçais;
- Não colocar comida já mastigada ou partes desagradáveis dessas no prato do vizinho;
- Não limpar sua faca nas vestes do vizinho;
- Não cuspir em frente ao seu amo nem meter o dedo no nariz;
- Não acender fogo em cima da mesa nem atijar fogo ao vizinho;
- Sentindo vontade de vomitar, se retirar da mesa (tal como se fosse urinar);
- Não soltar em cima da mesa seus animais de estimação (insetos, cobras, pássaros etc.);
- Não fazer caretas e revirar os olhos, chamando a atenção para si;
- Não conspirar à mesa, a menos que seja com o meu amo.

E como ficaram os banquetes em Milano depois da introdução do guardanapo? Do mesmo jeito ou pior. Os comensais da Corte dos Sforza não se adaptaram a ele e o utilizavam, para desolação do Mestre, para assuar o nariz, para nele cuspirem, alguns assentavam sobre ele, outros o utilizavam para juntar víveres que colocavam na bota para consumo posterior. Outros brincavam de atirá-lo nos vizinhos. Enfim, a época não estava preparada para Leonardo.

Em Milano não existe o turismo de massa, conforme comentado a seguir, mas sim um turismo mais sofisticado, ligados a negócios e eventos, onde se mesclam o bom gosto e o poder financeiro. É uma cidade de negócios, sede dos grandes bancos italianos e da bolsa financeira, porém repleta de museus, livrarias, restaurantes finos, obras de arte de primeira linha, sendo, ainda, a capital da moda e do desenho italiano. É a porta de entrada da Itália para quem chegue do norte, assim como Roma o é para quem vem do sul do país.

Uma visão épica e grandiosa sobre a Lombardia e Milano, na primeira metade do século XVII, é mostrada em Manzoni (1971). Já o *bas-fond* milanês da década de 1960 é competentemente dissecado no frenético e surpreendente livreto policial (SCERBANENCO 1968). O texto mostra, ainda, no contexto policial, a humilhante Abjuração escrita por Galileo Galilei, então com 70 anos, frente a ferocidade da inquisição da Santa Católica e Apostólica Igreja, em 1633, em Roma.

Em Veneza, Florença e Roma a essência do turismo de massa não se difere. São tantos os visitantes que as administrações deixaram-se de se preocupar com o conforto mínimo desses. Em Veneza, milhares de pessoas após horas de andanças admirando e enriquecendo o burgo pelo consumo de coisas variadas – onde um capuccino tomado no balcão chega a 2 euros e, em Florença, um pedaço de uma insossa pizza custa 3,50 euros, não se vê nenhum banco, parapeito, nenhum apoio para alguns minutos de descanso dos sobrecarregados turistas, normalmente, com mochilas e sacolas. Com as escadarias repletas, é constrangedor ver veneráveis senhoras exaustas, espalhadas pelo chão de ruas e praças. Aliás, essa falta de cuidado para com o visitante é um dos traços mais típicos das administrações italianas. Pode-se notar esse descaso, também, nos aeroportos. Por exemplo, a diferença em termo de conforto entre os aeroportos de Bruxelas ou de Madrid com o Fiumicino em Roma é um exemplo didático. Nesse último, os usuários, se quiserem, encostam-se nas estruturas de metal que circundam vasos de plantas. Assim se aguardam os vôos que saem e partem de Fiumicino. Já em Bruxelas, por exemplo, há a disposição centenas de amplas e confortáveis poltronas.

Em todas essas cidades italianas é visível certa decadência de costumes, originada pela presença de imigrantes ilegais, principalmente, albaneses e tunisianos. Formam um exército de camelôs, bem conhecidos por nós, brasileiros, sempre preparados para sair, aos gritos, em desabalada carreira pelas ruas e passeios com suas mercadorias (bolsas Louis Vuitton falsificadas, CD's pirateados, relógios “rolex” fabricados na China etc.), lavadores de vidro de carro em sinais, pedintes e prostitutas, população a quem muitos italianos aceitam com visível desconforto.

Em Florença, o autor presenciou um inesquecível episódio de turismo de massa, na alta temporada. Cerca de uns 300 ou mais turistas japoneses – que chegam em vôos *charters* – invadiram repentinamente *la piazza del Duomo* ou praça do Duomo, centrada pela catedral de Santa Maria del Fiore, cuja construção foi iniciada em 1296, sobre os restos de uma igreja já existente. Vinham organizados em grupos de umas trintas pessoas capitaneados por guias, cada qual portando uma bandeirola com cores diferentes das demais, erguidas ao alto, tais como comandantes samurais. Instantaneamente, ao adentrarem a praça, cada grupo correu para ocupar os melhores ângulos e a atmosfera se encheu de exclamações de admiração tipo Hos!!! e Has!!! Crianças que passeavam despreocupadamente na praça logo foram arrebanhadas pelos pais para locais seguros, ao longo das paredes da catedral.

Os japoneses, posicionando-se no melhores locais, sacaram de suas armas, as câmeras fotográficas digitais, que pipocavam flashes em um ritmo alucinante. Em grande algazarra, subiam em cima dos marcos de pedras colocados para organizar o trânsito para serem fotografados, tendo o Duomo como fundo, alguns constrangiam os carabinieri fardados a rigor, com espadas, fardas e pesadas botas, montados em seus magníficos cavalos ricamente ajazados, para participarem das fotos, o que enervavam tanto as montarias como os guardas. Uma moça queria, comunicando-se por mímica, a todo custo, ser fotografada nada mais nada menos portando o estiloso chapéu militar do soldado, metálico e com longos penachos coloridos. É claro que o guarda manteve-se impassível ao assédio.

Os motoristas das ambulâncias da municipalidade que ali permanecem aguardando turistas idosos que freqüentemente passam mal na penosa subida dos cerca de 300 íngremes e tortuosos degraus que levam ao topo da torre principal do Duomo, ficaram nervosos, pois o caminho estava completamente fechado para eles. Ligaram as luzes de alerta, sendo solenemente ignorados pela

massa oriental. Após uns vinte minutos de caos, as hordas se reorganizaram e, satisfeitas, tendo cumprido o seu ritual de “turismo”, deixaram a praça em tropel, comandados pelos guias embandeirados em direção ao Palazzo Vecchio, que domina austero e imponente, a grandiosa Piazza della Signoria, onde certamente iriam ocupar a fonte de Netuno, a réplica do David de Michelangelo, o exterior da magnífica Galleria degli Uffizi (1,5 milhão de visitantes/ano), a Galleria dell’Accademia e a da Ponte *Vecchio*, sobre o rio Arno, ladeada por joalherias de alto luxo. Mesmo visitando algum museu, alguns sempre aprontam, destoando. Um amigo assistiu, no Louvre, um exaltado grupo de japoneses que se fotografava defronte a Mona Lisa, com os dedos estendidos em forma de “v” de vitória, tumultuando o ambiente, para espanto de todos.

Aspecto variado de Firenze, com amplo registro fotográfico, pode ser visto em Mannelli (1988).

Na Itália, a Toscana é o lugar onde se vive bem, por excelência, tendo inclusive servido de exemplo para os demais países europeus. Diz a história que foi Maria de Médicis, de família florentina e rainha da França no século XVI, que ensinou nobres franceses a comer e beber bem.

Um roteiro alternativo na Toscana? Para evitar o turismo de massa, um roteiro, mais calmo e de inigualável beleza seria: as cidades alinhadas a noroeste de Firenze, como Livorno, a um passo das praias do mar da Ligúria, Pisa, Lucca, cidade das bicicletas e Pistóia, com o cemitério dos pracinhas brasileiros mortos na II Guerra Mundial e cujos corpos foram transferidos para o Rio de Janeiro na década de 1960. Ao sul de Firenze, a região de Populonia, local de construção das primeiras siderúrgicas do ocidente, ainda na era etrusca, onde se podem ver notáveis minas subterrâneas hoje abandonadas, que forneciam o mineral ilvaíta, fonte do ferro na região. Depois, Siena, considerada a mais bem preservada cidade medieval da Itália, com seu povo cordial e pães doces especiais como o tradicional *pane forte*; Montepulciano, com seu tradicional agroturismo e cantinas que oferecem provas grátis de vinhos e a imperdível San Gimignano, definida pela revista Newsweek como uma “Manhattan medieval, com seus prédios de pedra”.

Nesse contexto, Siena é um capítulo a parte. É uma cidade de porte médio e ideal para se visitar pelo turista que vem do norte em direção a Perugia e Roma, por linhas ferroviária ou rodoviária. A cidade impressiona por sua arquitetura gótica e barroca e seus numerosos tesouros artísticos e culturais, notadamente na pintura, onde se destacam Duccio, Simone Martini e os irmãos Lorenzetti. Não é por acaso que a cidade é famosa também por suas técnicas de restauração de quadros. Siena foi, ainda, uma das primeiras cidades italianas a restringir seu centro histórico ao tráfego de automóveis, ainda na década de 1960, o que se constituiu na época em uma revolução em termos de cultura. A cidade possui, ainda, uma atividade cultural única na Itália, o famoso Palio ou corrida de cavalos de Siena, uma loucura coletiva que toma conta da cidade em duas ocasiões diferentes, nos dias 2 de julho e em 16 de agosto e atrai visitantes de grande parte da Europa. Participam associações religiosas que formam espécies de *clans* denominadas *contradas*, cujos adeptos são fanáticos totalmente dedicados a ganhar o pleito. Cada uma possui seu estandarte, geralmente com uma figura estampada, com nomes exóticos como Tartuga, Drago, Onda, Oca etc., totalizando 17 associações. Participam, entretanto da corrida, apenas dez, escolhidas por sorteio. A corrida, a pêlo, dura apenas alguns segundos e tanto o vencedor como o cavalo são objetos das mais intensas e ruidosas homenagens. O Palio é precedido, ao longo do dia, por longos rituais de desfiles de cada *contrada* pelas ruas da cidade, onde os participantes, vestindo trajes medievais, atiram bandeiras entre si com incrível habilidade sob o som de baterias e músicas militares. O evento é perigoso, muitos homens e cavalos já morreram em plena lida, vítimas da violência da disputa devido ao uso do chicote do cavaleiro tanto no próprio cavalo como nos demais cavalos e cavaleiros. O público chega a 80.000 pessoas e o fanatismo dos torcedores assemelha-se ao nosso mais concorrido clássico de futebol.

Em termos de festas populares italianas, uma das mais curiosas e inacreditáveis, tanto pela paixão como pelo esforço físico despendido pelos seus participantes é a *Corsa dei Ceri*, que ocorre em 15 de Maio em Gubbio, cidade montanhosa de pequeno porte localizada no nordeste da

Umbria e afastada das rotas ferroviárias. A festa tem origens nos rituais pagãos dos povos pré-cristãos, as tribos etruscas que habitavam a região, tendo sido incorporadas aos ritos cristãos. Os “ceri” são três enormes torres de madeira que homens vigorosos transportam nas costas, em desabalada carreira pelas ruas da montanhosa cidade e que termina no cume de uma montanha, onde há a basílica de Santo Ubaldo, padroeiro da cidade. A festa é a ele dedicada, mas participam, também, os devotos dos santos Giorgio e Antonio. O trajeto inclui manobras arriscadas como passar sob viadutos e cruzar multidões. Como na disputa de Siena, há uma longa preparação que antecede a corsa, na forma de desfiles com música e vestimentas com as cores e motivos desses santos. Sem dúvida, essa é uma das manifestações tradicionais mais originais que se celebram na Itália.

Outra atração na cidade é a subida por teleférico da cidade até o elevador “Monte Ingino” com seus pinheirais e de onde se vislumbra o maravilhoso panorama dos Apeninos de Marche e da Umbria. A emoção começa logo quando o viajante tem que pegar sua cabine com o veículo em movimento, ajudado por dois funcionários. Muitos são literalmente atirados dentro da cabine. A mesma situação acontece na chegada, de onde agora são içados para fora, por dois bravos rapazes. Lá em cima, a disposição, um pequeno restaurante com uma boa sorveteria e um centro de compras de produtos da região, onde se destacam armaduras, lanças, facas e espadas ao estilo medieval.

Em Gubbio há, ainda, uma atração científica de importância internacional. Em suas imediações ocorre uma situação geológica que permitiu a geocientistas americanos – estudo que envolveu uma premiação Nobel – provarem, no início da década de 1980, que a extinção dos dinossauros foi realmente devida ao impacto de um meteoro sobre a superfície terrestre, no final do período Cretáceo, fato que proporciona, também, um turismo bastante seletivo, de cientistas. Uma réplica dessa significativa situação geológica foi montada no museu de geologia da Universidade de Florença.

Fazendo o contraponto com Veneza, Roma e Florença, um tipo de turismo mais tranquilo e também repleto de conotações culturais ocorre em Perugia, a cidade mais importante da Umbria. Trata-se de um território da Itália central que se coloca ao sul e a leste da Toscana e oeste do Marche. A Umbria não é banhada pelo mar e seu território é, em grande parte, formado pelos Apeninos Centrais, com um grande vale central esculpido pelo Tibre, que corre de norte para sul. Em Perugia, o turismo é mais civilizado, sem atropelos e correrias. Os tesouros peruginos na forma dos grandes monumentos e obras de arte são também inigualáveis, raros e apenas relativamente conhecidos, fato que, aliado ao fato da cidade ser menor e fora das grandes rotas de transporte de massa, os turistas que lá chegam trazem alguma intenção especial, como por exemplo, conhecer o grandioso Arco Etrusco e suas muralhas do século III a.C., formado por blocos métricos de rocha calcária do tipo travertino. Esta muralha cerca o antigo centro histórico da cidade medieval, centro esse plenamente integrado à vida da cidade (como Roma também o é), fato raro entre as cidades antigas do mundo. Ou a maravilhosa praça IV de Novembro, uma das belas da Itália, com sua Fontana Maggiore, a qual, de acordo com Cony (2002), é o maior orgulho e símbolo da cidade, obra prima dos Pisano, pai e filho, e ladeada pelo Palazzo dei Priori e pela Galleria Nazionale dell’Umbria, com numerosas obras de arte de Pietro Vannucci, denominado Perugino, mestre de Rafael antes deste se mudar para Roma, além de outros expoentes da pintura italiana.

Outro monumento que se destaca na cidade é a grandiosa Rocca Paolina, um palácio-fortaleza mandado construir pelo papa Paulo III no século XVI, com prolongamentos subterrâneos, hoje utilizados como via urbana pelos pedestres peruginos, e que permite também ao turista adentrar nas entranhas mais profundas da cidade, através de um sistema de escadas rolantes, dispostas em vários níveis. O complexo é também utilizado por suas espaçosas salas internas construídas por blocos de travertino dispostos uns sobre os outros sem cimentação, as

quais são utilizadas para sediar eventos artísticos e culturais diversos, como feiras de livros, de artesanatos etc. A história da construção desse palácio-fortaleza é fascinante e pode ser vista em Bonella et al. (1995), uma pequena obra com a história da construção inserida no contexto histórico da época, na qual constam desenhos e mapas diversos. Foi construído pelo arquiteto florentino Antonio da Sangallo, como símbolo do poder papal, cujo exército derrotou Perúgia na Guerra do Sal, decorrente da revolta desse burgo ao aumento do preço do sal, essencial na conservação dos alimentos e que era monopólio do Papa.

Ruínas de uma cidade mais antiga ainda que Perúgia ocorrem sob a Rocca Paolina, abaixo da Piazza Italia, que pode ser acessada por túneis normalmente fechados à visitação.

Em Perúgia é também imperdível uma visita à Basílica de San Pietro, construída no século XI, e situada fora das muralhas medievais da cidade, com suas monumentais pinturas medievais, seus mosaicos de mármore finamente cortados a cinzel. Ali, em um conjunto denominado Coro, podem-se ver dispostos em semicírculo, 64 tronos em madeira negra com seus espaldares finamente esculpidos na forma de animais fantásticos, como grifos, sereias, dragões, cavalos alados, em uma variedade e perfeição admiráveis. Foi construído por Stefano, mestre escultor que trabalhou na obra entre 1519 a 1535.

Atrás da basílica encontra-se uma atração à parte, o mágico e bucólico Horto Medieval, de cujas muralhas pode se avistar, nos dias mais claros, as altas montanhas do outro lado do vale do Tibre. Funcionava, no passado, como monastério e escola terapêutica arbórea – o conhecimento era passado aos mais jovens-, um importante centro de cultura, produção e processamento de plantas medicinais, ativo na Idade Média e, sobretudo, no Renascimento. Era buscado por pessoas da região e, principalmente, por peregrinos que vinham das demais plagas européias, inclusive do oriente, os quais traziam, também, seus produtos para troca com os monges. Os principais beneficiados eram, principalmente, a população campesina, normalmente abandonada à própria sorte. Atualmente, o horto transformou-se em um local de descanso e contemplação, mantendo, contudo, toda a simbologia esotérica medieval, com canteiros divididos por água corrente, segundo os doze símbolos do zodíaco, no centro do qual ainda viceja uma milenar e tortuosa oliveira. A Árvore da Vida é um outro exemplo e posiciona-se em um local privilegiado do horto. Menghini (1997, 1998) - que foi um dos idealizadores da preservação do horto - publicou um tratado sobre o horto e suas plantas medicinais, descrevendo suas propriedades terapêuticas. Mais de 160 espécies curativas herbóreas (como a Peônia, para os epiléticos, a Menta, usada como vermífugo, a Raiz de Grama para cólica e retenção urinária e a Bardana, para veneno de cobra, dentre muitas).

Com grande tradição agrônoma, não é sem motivo que no prédio anexo à basílica se instalou a moderna Escola de Agronomia da Universidade de Perúgia.

A cidade não deixa de mostrar sua história. Durante obras de reparação na Praça Cavallotti, há uns três metros abaixo do piso da praça, operários encontraram um trecho de uma antiga estrada romana direcionada de sul para norte, que ligava Roma ao norte da península. Seu piso de grandes blocos de calcário mostra os sulcos feitos pelas rodas dos veículos da época. Uma área lateral, com obras de escoamento de água e com um piso de delicados ladrilhos vitrificados coloridos, é indicada como tendo sido uma área de oferendas religiosas. O local pode ser acessado por uma escada de ferro que emerge no piso da praça.

As montanhas e florestas da Umbria foram outrora habitadas por um dos povos mais antigos e misteriosos da Europa, os etruscos, que precederam os romanos na península e cujos registros, na forma de muralhas, afrescos, vasos, urnas e ruínas encontram-se espalhados por toda a província. Na cidade encontra-se o imperdível Museu Arqueológico Nacional da Umbria, com sua coleção de amuletos, armas, esqueletos e urnas etruscas.

No passado, Perugia era uma fortaleza avançada de Roma, constituindo a primeira barreira contra as invasões que vinham do norte, levadas a efeito pelos lombardos, os bárbaros visigodos

e até pelos cartagineses, que, como se sabe, comandados por Aníbal, atravessaram Gibraltar, marcharam pela Espanha e França e adentraram a península italiana pelo norte, surpreendendo e derrotando o poderoso exército romano em 216 a.C. Na batalha, os invasores vieram de cima, das cristas das montanhas apeninas, livres da densa neblina concentrada nos baixios. Dizem que os romanos subestimaram a velocidade das tropas inimigas. Acampados calmamente no fundo dos vales e cegos pelo nevoeiro, as tropas foram atacadas de surpresa e constituíram um alvo fácil para os africanos. Essa neblina pode ser vista atualmente na região, no início do inverno.

No local da histórica batalha, que aconteceu nas margens do lago Trasimeno, na localidade de Tuoro, foi construído um caminho representativo da batalha, extremamente interessante para ser percorrido por turistas a pé, devido tanto ao fato histórico em si como pela pitoresca paisagem rural italiana com seus campos gramados entremeados por videiras, pastos e ciprestes. Ali, dois locais chamam a atenção e causam arrepios: *Ossaia* e *Sanguinaia*, cemitério de ossos e campos de sangue, sangue que irrigou a terra. Modelando a paisagem, a presença do formoso lago, um dos maiores da Itália, ele próprio, local da morte de muitos romanos em fuga.

Em uma ponte vizinha ao percurso pode se ler uma inscrição gravada em uma lápide de calcário branco, ensinando e preparando o visitante para a histórica jornada, onde se lê:

Lembre-se o viajante, que sobre esta colina e no Trasimeno mais de vinte e cinco mil romanos morreram para defender contra a astuta ferocidade de Anibal, a integridade e a civilidade de Roma.

Tuoro fica nas imediações de Cortona, há uns 35 km a norte de Perugia. Ali acontece, em 14 de agosto, uma famosa corrida de bigas romanas, com nomes representativos da batalha. Tanto o condutor quanto as duplas de cavalos de cada biga são ambientados para a época do combate. Também teatros ao ar livre retratam cenas do confronto histórico, onde o comandante romano, o cônsul Caio Flaminio e milhares de centuriões perderam a vida.

Especialistas militares modernos ensinam que a batalha do lago Trasimeno foi uma brilhante vitória tática sem grandes conseqüências estratégicas. Algo assim como o ataque japonês à Pearl Harbor. De fato, como se sabe, Cartago foi posteriormente arrasada pelo poder imperial de Roma.

Perugia, como todas as cidades antigas, foi erguida, por razões estratégicas de defesa, sobre uma série de elevações, que constituem os contrafortes ocidentais do amplo e verdejante vale do alto Tibre. De cima de suas imponentes muralhas podem-se vislumbrar outras cidades encarapitadas nas montanhas do outro lado do vale, como Assisi – com seu magnífico monastério franciscano, onde viveu Francisco de Assis e se pratica o turismo com conotação religiosa – e Spello, outra jóia medieval.

Atualmente Perugia é também uma referência cultural na Itália, pois abriga a maior e mais importante universidade de estudos da língua e cultura italiana, a Universidade para Estrangeiros (*Università per Straniere* – <http://www.unistraps.it/>), o que dá à cidade certo ar cosmopolita, não pelos turistas, mas pelas centenas de estudantes estrangeiros que dão ao centro histórico um clima de campus universitário urbano. Ouve-se pelas suas ruas os mais variados idiomas – inclusive o português –, e dá para notar, pela quantidade de orientais, o fascínio que a cultura italiana exerce na China e Japão. Essa Universidade oferece graduação em economia, publicidade, divulgação da cultura italiana no mundo e língua e cultura italiana, sendo uma das opções culturais da cidade. Atualmente, o conhecimento da língua e da cultura italiana, aliado ao domínio do inglês representa um passaporte seguro para um bom emprego na Itália, devido à demanda representada pelo fluxo dos milhões de turistas e dezenas de bilhões de euros, que chegam anualmente a esse país devido aos mais variados aspectos, como a moda, culinária, ciência ou simplesmente turismo. Perugia é, também, um renomado centro de pesquisa médica e

sede da *Università degli Studi di Perugia*, fundada no século XIII e que se destaca em leis, agronomia, engenharia e geologia. Enfim, o turista tem muito que fazer em Perugia, a par de sua condição de cidade média a pequena.

Em Perugia, no ano de 2002, estava sendo implantado um grande parque na parte baixa da cidade, denominado Parco Chico Mendez (com z mesmo), em homenagem ao ecologista brasileiro. Por ali ia passar o metrô, já em construção na cidade.

No centro histórico encontra-se o famoso Caffè di Perugia, escolhido em 2002 pelo conceituado guia gastronômico italiano, Gambero Rosso, um dos treze melhores bares da Itália. O bar incorpora a sofisticação na atmosfera medieval local, oferecendo três ambientes diferenciados: o restaurante, o grill-pizzaria e a enoteca. O restaurante atende pelo curioso nome de Malacucina, enquanto parece ser a própria sede da buonacucina italiana. O motivo desse nome pouco sugestivo para um restaurante é histórico, os proprietários do café resolveram manter o nome da antiga e animada taverna que funcionava no mesmo local, na idade média, de nome “Vicolo dela Malacucina”. Era um lugar onde os nobres iam, disfarçados, unir-se ao populacho para praticar a antiga confraternização masculina em bordéis, instituições sólidas mesmo na rigidez católica perugina.

Eventos culturais importantes ocorrem em Perugia, principalmente, no verão: exemplo é o Umbria Jazz Festival, (em julho) um evento internacional que congrega visitantes estrangeiros e acontece tanto nos salões como nas praças e ruas da cidade. Em 2002, a Street Jazz Band, de New Orleans, maravilhou a platéia, tocando um jazz compassado e itinerante, pelas ruelas da cidade, seguida pela alegre e barulhenta multidão que seguia a banda em procissão. O efeito cênico era impressionante: negros americanos tocando o autêntico jazz de Louisiana, reverberando nas muralhas medievais de Perugia. E, novamente, uma turista japonesa se fazia protagonista, tentando, a todo custo, fotografar, sabe-se lá o quê, sem sucesso, a parte de dentro da enorme tuba, o que fazia o músico fugir dela, dando volteios, em um alegre trote musicado, para alegria da multidão. O ponto alto do festival foi sem dúvida a apresentação, na parte mais alta da cidade, da lendária e prestigiada banda de jazz americana, a Ray Gelato Giants, tocando o Tu Vuo' Fa L'Americano, tendo como pano de fundo o vale do Tibre, com as cidadezinhas Assisi e Spello ao fundo. Essa famosa banda tem presença freqüente nesse festival.

Mais uma dos japoneses: curiosamente, nessa mesma semana do festival, uma japonesa (a mesma?) tentara fotografar o prato de sopa de uma amiga brasileira, incomodando a todos em um restaurante perugino. Sem sucesso, pois foi duramente repelida pelo maître. Que dá nesses japoneses?

O outro evento tradicional que ocorre em Perugia é o Eurochocolate Festival, em outubro, que reúne os maiores fabricantes de chocolates da Eurolândia. Aliás, Perugia tem uma famosa e tradicional fábrica de chocolates que produz o chocolate Perugino, famoso no país.

Já em pleno inverno, no início de dezembro, acontece a Umbrialibri, feira de livros que reúne os editores e escritores da região e de outros locais. Em sua oitava edição (2002), ela foi realizada nos espaços reservados para exposições nos subterrâneos da Rocca Paolina.

Perúgia foi objeto de uma crônica no Brasil por C. H. Cony, em 2002, que a compreendeu melhor que muitos italianos. O texto, erudito e preciso, foi traduzido para o italiano (Martinez & Sgarbi 2002, não publicado) e, por ocasião do Natal daquele ano, enviado a alguns professores da Universidade de Perugia. Qual não foi o meu espanto quando passei a receber respostas confessando admiração pelo texto e desconhecimento de muitas das coisas ali relatadas. Um professor culto e cosmopolita disse-me que agora a alma de Perugia tinha sido a ele desvendada e confessou seu descaso e falta de curiosidade para com a cidade onde morava há anos. Parece que o gênio de Cony chocou beneficentemente aquela pequena comunidade de italianos, que não percebiam as mensagens da história gravadas nas ruas, muros e torres da cidade.

Uma das cidades mais interessantes da Umbria é Orvieto, uma antiga vila etrusca e depois romana, denominada inicialmente *Urbs Vetus*, da qual se originou sua atual denominação. Foi construída, como muitas cidades medievais da Itália, sobre um platô de tufo amarelado – rocha originada por vulcanismo explosivo - com 50-60 metros de altura, formado pela ejeção, na atmosfera, de materiais vulcânicos da área de Vulsini, um centro vulcânico situado há cerca de 15 km a sudoeste da atual cidade de Orvieto. É um das mais belas e antigas cidades italianas, visita imperdível para quem se interessar pela história etrusca e medieval da península italiana. De cima do penhasco, suas possantes muralhas dominam o amplo vale do Tibre e transmitem, até hoje, para o visitante que a observa de longe, uma poderosa sensação de inexpugnabilidade. O que não impediu que a cidade fosse assediada e saqueada por exércitos inimigos diversas vezes ao longo de sua história. Uma das muitas atrações da cidade relaciona-se com essas antigas atividades bélicas. Trata-se do poço de San Patrizio, uma admirável obra de engenharia, que foi vital para a sobrevivência da população nos tempos das guerras pós-medievais. Foi encomendado pelo papa Clemente VII, em 1527, para garantir o suprimento de água durante os cercos inimigos e construídos pelo já mencionado Antonio da Sangallo, que idealizou um engenhoso sistema de circulação interna, na forma de duas rampas em espiral que não se cruzam, de modo a permitir o trânsito contínuo das tropas de burros que desciam e subiam os 248 degraus do poço, trazendo água potável de 62 metros de profundidade. O poço, escavado no tufo mole, é totalmente revestido por blocos de calcário e tijolos, tendo demorado cerca dez anos para ser construído.

Para se chegar ao bellissimo centro histórico de Orvieto, a partir de sua estação ferroviária, situada abaixo, no vale, pode-se tomar um engenhoso trenzinho (*funicular*), puxado por um cabo de aço em um íngreme trajeto que corta uma mata que se desenvolveu nas encostas da montanha. O curioso veículo desemboca na estação final em uma grande praça, já no centro histórico, local dotado de ruínas romanas, de cujas possantes muralhas se descortina abaixo a verdejante paisagem do vale do Tibre e seus afluentes. A cidade possui várias atrações, como o Museu Etrusco-Romano ou o Museu de Arte Moderna “Emilio Greco” além de outras. Entretanto, a obra mais imponente e a mais bela de Orvieto é sua catedral ou o Duomo, uma das mais grandiosas catedrais da Itália. Sua impressionante fachada exhibe portões de bronze circundados por esculturas, representando cenas do Antigo e Novo Testamento, de autoria de Lorenzo Maitani, que as realizou no século XIV. As laterais do Duomo são revestidas por fileiras intercaladas de travertino branco e rocha vulcânica negra, dando um aspecto incomum e original à construção. No interior de sua nave podem ser vistos os afrescos de Luca Signorelli e Fra Angelico. Em seus grandes espaços internos, a luz do sol, filtrada pelos vitrais coloridos e janelas, cujos vidros são, na verdade, finíssimas placas de opala, transmitem uma misteriosa sensação de paz. A sensação fica ainda mais profunda quando se percebe uma quase inaudível música sacra, vinda de caixas escondidas nos cantos penumbrosos da igreja. Naquele ambiente extremamente relaxante, não é raro observar visitantes sentados completamente imóveis. Parecem estar em alguma espécie de transe religioso, mas simplesmente dormem. Tiram uma irresistível e profunda soneca que pode durar apenas alguns segundos. Falando por experiência própria, despertam revigorados, prontos para mais uma jornada pelas ruelas estreitas e íngremes da cidade. A vontade, entretanto, é permanecer mais e mais tempo ali dentro daquele ambiente mágico. Outra curiosidade, agora mundana: o sorvete de lá, vendido em uma lanchonete ao lado da Catedral é sem dúvida um dos melhores da Itália.

Dizem que as construções medievais mais ilustres de Orvieto possuem sempre uma sala do pânico, ou de fuga, onde se estocavam água, alimentos, armas e riquezas. Aproveitando-se da natureza mole do tufo, escavavam, a partir dessas salas reforçadas e secretas, longos túneis que serviriam como rota de fuga no caso da queda da cidade frente aos invasores. As famílias ricas eram as mais visadas, pois, segundo o costume da época, apenas um valioso resgate conseguia

salvar da morte um prisioneiro importante. Loretta e Valigi (1996) mostram um resumo turístico com registro fotográfico dessas cidades menores acima descritas.

3 Locais de interesse

Em suma: O turismo na Itália oferece inúmeras opções, seja do ponto de vista cultural, artístico, religioso, de lazer, de aventura, gastronômico, dentre outros. Pode-se ver em uma hipotética viagem do norte para o sul do país:

Vale do Aosta, Trentino e a região dos Dolomitos em Veneto, na Itália setentrional, com suas montanhas escarpadas, lagos pré-alpinos e abundante neve no inverno, onde se encontram várias e famosas estações de esqui.

Milano, capital econômica da Itália, com inúmeras atrações artísticas e históricas, já anteriormente mencionadas.

Gênova, com o turismo crescente devido à valorização de suas ligações históricas com as Américas, além do seu belo e tradicional Aquário Municipal, e a vizinha e acolhedora Rapallo, nas costas montanhosas e pedregosas do mar da Liguria, no noroeste italiano. Do lado oposto da península, a exótica e única Veneza, jóia do Adriático, que resplandece como uma fogueira ao final de uma tarde ensolarada. Seus táxis e ônibus são barcos, utilizados tanto pela população local como pelos turistas.

Mais ao sul, o vale do Pó, um antigo braço marinho jurássico que hoje é uma planície entre os Alpes e os Apeninos, quase sempre enevoadada no inverno. Quando se forma no verão, devido ao calor abafado do fundos dos vales, é denominada “afa” pelos nativos. A foz do Pó é um parque ecológico, santuário da vida marinha no norte do Adriático. Nessa baixada pulsa mais forte o coração econômico do país, capitaneado por Torino, Milano e Bologna, todas, portando, igualmente admiráveis tesouros culturais e artísticos.

Florença, mais ao sul, é uma cidade inigualável, com forte personalidade e depositária de tesouros variados, que não nos deixa esquecer dos legados de Dante, Leonardo, Galileo e Machiavel. Ali se moldou parte importante da base da civilização ocidental. É obrigatório visitar a mundialmente famosa Galleria degli Uffizi com seus tesouros renascentistas e onde se encontra algumas das mais belas pinturas existentes, como a Alegoria da Primavera e o Nascimento de Vênus, ambos de Botticelli, e a Anunciação, de Da Vinci, além de obras de Giotto, Tiziano, Raffaello e Caravaggio. Também o conjunto arquitetônico da Piazzale Michelangelo, onde se podem observar no verão, canteiros de tulipas multicoloridas, sendo um local amplo com seus largos, paços, cemitério e fortificações. Mais elevado, proporciona uma visão do alto para a cidade abaixo, podendo-se vislumbrar a Praça do Duomo, o Palazzo Vecchio com sua sinistra sala de armas, a Ponte Vecchio sobre o Arno e suas joalherias, a praça da Repubblica e grandioso Palazzo Pitti, construído para obscurecer, sem sucesso, a fama dos Medici. A Galleria dell'Accademia guarda o David de Michelangelo e obras do início da pintura florentina e italiana. O museu de geologia e história natural da Universidade de Firense proporciona, também, bons momentos, mesmo para leigos.

Cidades de médio a pequeno porte como Siena, Cortona, Perugia, Orvieto, Assisi e Spello valem a pena ser visitadas. Percursos a pé, com duração de um dia, como a incrível caminhada, da estação da ferrovia de Trevi, ao sul de Perugia, até a cidade encrustada no alto da montanha, de onde se vislumbra a paisagem do vale do Tibre. Pode-se subir a pé pela estrada sinuosa, sendo imprescindível, entretanto, descer, na volta, pela encosta da montanha, por trilhas dentro da mata, onde se adentra na verdadeira paisagem campestre italiana. Com a mesma duração, o percurso a pé nas imediações de Tuoro (noroeste de Perugia), fazendo a rota da batalha do lago Trasimeno (216 a .C.), onde Aníbal derrotou o poderoso exército romano. O lago é também uma atração, com seus passeios de barco, sendo o maior de origem natural da Itália.

Região do Lago Bolsena (Viterbo), no Lazio, o maior lago de origem vulcânica da Europa e suas pequenas cidades-balneários adjacentes, com fontes térmicas e águas minerais.

Ao sul: a magnífica Roma, cidade-museu, e o Vaticano, que dispensam apresentação. Em Nápoles, as áreas vulcânicas do Vesúvio e as Campi Flegrei, além do La Regia di Caserta, o inacreditável e gigantesco palácio dos Borbons. Pompéia e as ilhas da ardente Sicília com o Etna, e a pedregosa Sardegnna, com costas arenosas e mares esverdeados.

Para o crescente turismo de aventura, um dos melhores locais da Itália é o enorme e pacífico vulcão Etna, na Sicília, com paisagens deslumbrantes e boa infra-estrutura. Há uma boa chance de se ver uma corrida de lava ou um tremor de terra, sem perigo algum. Outro local é a desolada ilha da Sardegnna, com suas grutas calcárias e praias arenosas.

Alguns parâmetros físicos da Itália:

- Área: 301.308 km²
- População 57,3 milhões de habitantes
- Densidade: 190 hab./km²
- Altitude máxima: 4.810 m (Monte Branco)
- Fronteiras: 1.866 km (França 515 km, Suíça 718 km, Áustria, 415 km, ex-Iugoslávia, 218 km)
- Costa: 8.500 km

Dados da economia

A Itália, apesar de perder terreno no campo econômico a partir do final da última década para as grandes economias mundiais, ainda representa uma força econômica considerável e do primeiríssimo mundo. Dentre as várias atividades destacam-se:

- Agropecuária: óleo de oliva, vinhos, cereais, frutas, verduras, queijos, macarrão, embutidos diversos;
- Indústria: petroquímica, naval, vinícola, cerâmica, de moda, mecânica pesada e fina, moveleira, águas minerais, siderúrgica, automobilística, cimenteira, têxtil, alimentar e hoteleira;
- Serviços: turismo (7% do PIB), decoração, artesanato, termas, restaurantes, restauração de obras de arte, imobiliários, médicos;
- Geológicos: gás natural, salgema, mercúrio, chumbo, enxofre, materiais de construção e revestimento (mármore, tufos vulcânicos), calcário e geotermia para geração de energia elétrica.

Não se deve esquecer que o Vaticano é o centro nervoso de toda a comunidade católica e tal fato tem importantes conotações culturais, econômicas e políticas em nível mundial.

Mas o país precisa retomar o crescimento. Castellano (2002) comparou, em 1998, a economia italiana com alguns países avançados. Mostrou que a quota de exportação italiana de produtos de alta tecnologia com relação às exportações totais do setor manufatureiro era de 8,5%, contra os 13% da Alemanha, os 21% da França e os 32% dos Estados Unidos. Segundo o autor, a situação só está a piorar devido a falta crônica de investimento governamental em pesquisa e desenvolvimento, com a conseqüente baixa em inovação tecnológica, o que proporciona, dentre outros males, a evasão dos cientistas locais para outros países. Um bom exemplo é o caso do Prêmio Nobel em física em 2002, Riccardo Giaccone, italiano de nascimento e estudo, porém vivendo há anos nos Estados Unidos, em função da falta de oportunidade em seu país.

4 Uma pitada de culinária

A gastronomia italiana é primeiramente saudável: com sua dieta mediterrânea, baseada na *pasta* (macarrão), azeite de oliva, queijo e vinho, os italianos são o povo mais longevo da Europa. Também a quantidade de obesos é mínima, quase inexistente. A respeito da pasta, famosa foi à frase dita com toda a candura por Sophia Loren, no auge de sua carreira, a um grupo de jornalistas que a entrevistam: “tudo isso que estão vendo devo à pasta”. Sim, a pasta é um dos maiores símbolos da Itália e representa um importante item em sua economia. Sua origem? Nem chinesa nem napolitana, como se acreditava. Parece ter surgido na região de Palermo, Sicília, conforme descrição de um geógrafo árabe feita em 1154, descoberta recentemente.

Os queijos formam um capítulo à parte. Devido a sua variedade e sabor, são imitados em todo o mundo. São conhecidos desde o gorgonzola alemão (cambozola), o provolone americano do Wisconsin, a rabiolla canadense, sem esquecer o parmesão e o provolone brasileiros.

Sobre eles o general-presidente De Gaulle, que amava a França, mas não os franceses, declarou que um país que tem um queijo diferente para cada dia do calendário é ingovernável. O fato, da Itália ser mais ingovernável que a França é sobejamente conhecido, porém, agora, e de acordo com o general, sabe-se porque: seus 424 tipos diferentes de queijos registrados, desde o parmegiano, da região de Parma, até o pecorino, de ovelha, mais comum no sul da península, a maioria produzida por pequenos produtores que tem conseguido manter a qualidade e resistir à estandardização do gosto, ao longo dos anos. A produção é tão grande que se torna necessário importar leite da Suíça, um tema cujas complicadas injunções políticas são tratadas pela mídia como sendo quase de segurança nacional.

Dois outros alimentos especialíssimos e exclusivos da península merecem ser citados, devido a suas origens curiosas e auréolas poucos santas, os quais também se espalharam pelo mundo. Trata-se do *Spaghetti alla Putanesca*, e um doce de colher, o *Tiramisú*.

O primeiro tem sua origem nas *case chiuse* italianas, literalmente casas fechadas, eufemismo para designar bordéis, que eram proibidos de manterem as janelas abertas. Diz-se que o prato foi inventado na zona boêmia em Nápolis. Após a exaustiva jornada de trabalho, ao final da noite, as talentosas cortesãs faziam uma revigorante e succulenta refeição comunitária - com os ingredientes comprados pelos clientes retardatários, é claro. O prato tem fama de revigorar a mente e o corpo, devido aos seus ingredientes afrodisíacos incorporados à pasta.

Já o outro prato, o Tiramisú, foi apresentado no norte, em Veneto, há poucas décadas. O prato é creditado a um bordel da cidade de Treviso, no qual uma famosa cortesã, quando entregava o doce a um cliente dizia: saboreie com carinho, que estou lhe dando um doce que “te tira su” ou que te levanta. Aos interessados, sua receita pode ser vista em Lopes (2004).

Ao se falar da cozinha italiana, a trufa tem seu lugar de destaque. É um dos mais nobres alimentos, típico de alguns países com clima temperado e solos calcários, sendo um fungo subterrâneo, que cresce associado às raízes de algumas árvores como o carvalho, em profundidades de cerca de 30 cm. Não é exclusividade italiana, a França e Espanha também a produzem. Pode-se vê-la nos mercados italianos, mesmo os populares de rua, vendidas a quantidades ínfimas para os apreciadores, devido ao seu alto custo. Pode alcançar preços estratosféricos, como a *truffa bianca* italiana ou trufa branca, ilustrada pela Folha de São Paulo (15/11/06), com uns 30 cm de altura e vendida por US\$160 mil para um Chinês de Hong Kong. Outro exemplo do seu valor foi demonstrado pelo proprietário do restaurante Fasano, em São Paulo. Segundo ele, um ovo frito temperado com trufa teria que alcançar o preço de R\$500. Quem se habilita?

Sendo a Itália a maior produtora de arroz da Europa, o Risotto alla Milanese, com tutano e açafrão, é quase tão popular como o macarrão, e serve como prato principal em jantares tradicionais, onde, por exemplo, pode ser precedido por vegetais crus com gorgonzola.

5 A Itália vista por estrangeiros

Muitos estrangeiros admiradores do país e atraídos por sua cultura e arte, verificaram *in situ* como são os italianos e seu país. Uma professora universitária da Califórnia (MAYES, 2002), comprou um antigo casarão nas imediações da cidade de Cortona, sul da Toscana. Em uma divertida epopéia, descreve a reforma da casa comandada, muitas vezes, de seu país, por telefone. Nas férias ela corre para ver os surpreendentes resultados. Descreve os costumes e mergulha fundo na culinária e história daquela parte da Itália.

Agora um inglês (PARKS, 2003), cumprindo a tradição de viagens de muitos de seus patrícios, também morou no país, em um povoado campestre no vale do rio Pó. Seu relato descreve os costumes e peculiaridades de seus vizinhos. Xenofobia, racismo, burocracia kafkiana e corrupção deslavada são desvendadas com humor e perspicácia.

Uma visão cáustica, minuciosa e divertida do comportamento da sociedade italiana atual pode ser vista em Tegno (2002). Ninguém melhor que esse autor, um imigrante tunisiano, para descrevê-lo, o qual, com todas as dificuldades imagináveis, conseguiu se estabelecer como um pequeno editor e escritor na elitizada Perugia.

Uma visão abrangente sobre a parte mais meridional da Itália nos é mostrada por Lewis (1967), na forma de um estudo completo sobre a Máfia, seus dirigentes, seu código de conduta, enfocando seu surgimento ainda na Idade Média e seu posterior desenvolvimento, até sua associação com o governo americano durante a II Guerra Mundial. Os costumes da Sicília – um outro país dentro da Itália-, são mostrados de maneira contundente, relatando, inclusive, o episódio esdrúxulo de como os chefes mafiosos ansiavam para que a ilha se separasse da Itália e se tornasse parte dos EUA, ao final da guerra.

McCullough (1995, 1998,) retratou o final do império romano em duas obras de fôlego, sendo, entretanto, de leitura fácil, pela abordagem envolvente tramada pela autora.

6 Vulcões

Além dos vulcões ativos, a Itália possui uma série deles extintos há centenas de milhões de anos. Devido ao seu clima favorável, essas estruturas encontram-se ainda hoje perfeitamente preservadas dos efeitos intempéricos, o que constitui um excelente laboratório de campo para os estudiosos do assunto de toda a Europa, assim como os turistas. Pequenos edifícios vulcânicos podem ser vistos na Umbria, nas cidades de San Venanzo e Cupaello. Mais a oeste, ao sul da Toscana, um imenso cone vulcânico, o monte Amiata, domina a topografia, formando uma elevação de 1400m de altura. Ali, apesar da baixa latitude, durante o inverno, acumulações de neve em suas encostas permitem a abertura de pequenas estações de esqui, utilizadas, principalmente, pela população da região. Uma curiosidade são os campos geotérmicos de Lardarello, que produzem eletricidade através do alto fluxo de calor subterrâneo, gerado por câmaras magmáticas ainda ativas, situadas em profundidade.

Mais ao sul, no Lazio, uma seqüência de estruturas vulcânicas ocorrem alinhadas de norte para sul. O lago Bolsena, situado nas imediações da cidade de Montefiascone, constitui o maior lago de origem vulcânica da Europa e tem um grande apelo turístico, com uma bem estruturada rede de hotéis. De suas muralhas, construídas no topo de uma colina de tufo, uma rocha originária de vulcanismo explosivo, descortina-se uma magnífica paisagem, com o lago azul dominando o horizonte abaixo. Uma peculiaridade dessa cidade são as lojas e passagens construídas dentro de cavernas escavadas no tufo macio. Por fora se vê apenas a rocha amarelada e algumas portas, porém seus interiores mostram grandes espaços internos, dotados de todo o conforto que a moderna tecnologia permite e o bom gosto italiano proporciona. Ar condicionado, vitrines sofisticadas, adegas, iluminação artística, denotando extremo cuidado e bom gosto. Muitas

dessas cavernas são antiguíssimas, escavadas pelos etruscos que habitavam a região na era pré-cristã. Algumas estão hoje lacradas, fazendo parte do patrimônio histórico nacional, outras, em lugares remotos, transformaram-se em abrigos para animais silvestres. O lago Bolsena é uma atração à parte e possui algumas ilhotas que, na verdade, são antigos cones vulcânicos menores, desenvolvidos dentro do grande vulcão. A região é famosa, como centro turístico e pelos seus inigualáveis vinho e bons ares e águas minerais. Conta a história que, no ano de 1111, um bispo católico alemão de nome Johann de Fugger fazia periódicas visitas a Roma. Como bom amante dos vinhos, enviava à frente do seu séquito, um batedor de nome Martino, que tinha a função de testar os vinhos da região e, desse modo, indicar o local adequado para o pernoite do prelado e sua corte. Se o vinho era de qualidade, Martino escrevia nos muros da entrada da cidade a palavra latina *EST!* (É). Se, porém o produto era excepcional, ele escrevia *EST! EST!!*. Esse duplo atestado de qualidade era uma garantia de pernoite daquelas importantes personalidades na cidade. Um dia daquele distante ano, ao chegar o fiel servidor à cidade de Montefiascone, há poucos quilômetros do lago, achou o vinho tão perfeito que escreveu por três vezes a palavra *EST!* A partir daí, a fama daqueles vinhos se espalhou pela Europa. Hoje se podem saborear os inigualáveis vinhos brancos da região, certamente com a mesma antiga qualidade, denominados agora *EST!, EST!!, EST!!!*. São oriundos dos vinhedos plantados nos férteis e bem drenados solos de origem vulcânica da região, sem umidade excessiva e horizontes pantanosos, submetidos ao clima mediterrâneo, com verões quentes, invernos frios, e normalmente com chuva suficiente para dispensar irrigação artificial, fatores que comprovam a teoria de que a geologia e o clima são os melhores amigos do bom vinho. A história conta também que o bispo ali faleceu e sua lápide tumbal encontra-se na igreja de San Flaviano, na periferia da cidade.

Hoje se pode comprar o *EST! EST! EST!* nas adegas das pequenas das cidades locais e parece que ele conservou suas qualidades apregoadas por Martino. Não é caro, sendo que ressalta sua baixa acidez, o sabor aveludado e o delicado buquê floral. Uma visão completa dos vinhos italianos, do Trentino à Sicília – três mil anos de cultivo de videiras e produção de vinhos - e suas relações com a geologia, incluindo suas classificações, origens e alguns preços, pode ser vista em Cita *et al.* (2004). Nesse manual, consta que alguns vinhos italianos podem alcançar o preço de 400 euros a garrafa (não em restaurantes, onde o preço sempre é majorado), como é o caso do Brunello de Montalcino, dentre outros. Um excelente roteiro para se conhecer, de carro, é a região do lago Bolsena, rochas piroclásticas recentes e a paisagem campestre italiana pode ser feita contornando o lago em seu lado oeste e norte, iniciando-se o percurso na cidade de Canino, ao sul, passando por Pitigliano, Onaro, Acqua Pendente, San Lorenzo Nuovo e Orvieto.

De Bolsena para o sul, ocorre o Monte Cimini, com sua imensa quantidade de rochas vulcânicas, igualmente resultante de explosões vulcânicas. Grandes quantidades de rochas foram pulverizadas e lançadas na atmosfera como poeira vulcânica e transportadas pelo vento. Depositaram-se soterrando e nivelando a topografia local, formando morros com topos planos, bordas abruptas e contornos festonados. Essa peculiaridade topográfica foi engenhosamente aproveitada pelos construtores medievais, cujas cidades, por medida de defesa, tinham seus muros externos coincidindo com as bordas quase verticais dos penhascos, o que tornava uma invasão algo extremamente temerário. Em função disso, essas cidades eram vencidas mais pela sede e fome de seus habitantes, durante cercos prolongados. Em meados do século XIV, a Europa foi vitimada por uma pandemia mortal, a peste negra, que atacava os pulmões das pessoas e animais e os matavam inapelavelmente. Acredita-se que chegou aos portos da Sicília originária da China. Na época, as tentativas de tomadas das cidades adquiriram características apocalípticas. Com o colapso generalizado do comércio, devido à queda da produção agrícola, muitos povos desesperados viam as cidades como fonte potencial de suprimentos e bens e, deste modo, inúmeras invasões de cidades foram levadas a efeito. Entretanto, existia o obstáculo, representado pelas muralhas. A solução encontrada pelos atacantes era coletar, pelos campos,

corpos de pessoas e animais mortos pela peste, cortá-los em pedaços e catapultar os despojos contaminados por cima das muralhas, para dentro da cidade. Procuravam atingir, principalmente, os reservatórios de água e, assim, aniquilar completamente a população. E os sitiados não podiam fazer mais do que organizar equipes sanitárias, que recolhiam os restos para serem incinerados nas fogueiras, esperando, dessa forma, conjurar o mal. Imagine-se o terror da população sendo submetida àquele tétrico e mortal bombardeamento.

Mais ainda ao sul, já perto de Roma, encontra-se uma outra área vulcânica, o Monte Sabatini. Ali ocorreu uma curiosidade da natureza: sua atividade vulcânica, também explosiva, foi tão volumosa que mudou o curso do rio Tibre. A história começou a ser desvendada quando geólogos ficaram intrigados ao encontrarem grandes depósitos de cascalho e areia fluviais em uma região situada a 40 km ao norte de Roma. Não existindo nenhum rio nas imediações desses depósitos, ao qual se pudesse creditar o seu transporte, a situação tornou-se interessante para uma pesquisa geológica. Na década de 1970, o enigma foi elucidado, descobriu-se que por aquela região, há milhares de anos atrás, corria o rio Tibre, cujo vale atual encontra-se, hoje, a vários quilômetros a leste da região pesquisada. As evidências mostraram que seu curso foi obstruído subitamente pela queda de materiais vulcânicos fragmentados pela explosão do vulcão Sacrofano, hoje reduzido a uma cratera circular com oito quilômetros de diâmetro, situada a 25 km ao norte de Roma. Na ocasião, fragmentos de rochas, poeira e cinzas foram lançados na atmosfera pela atividade explosiva do Sacrofano e esses detritos, a maioria transportados pelos ventos, depositaram-se entulhando o antigo vale do Tibre em tamanha quantidade que represou totalmente suas águas. Primeiramente o rio retrocedeu, depois se formou um lago, em seguida, devido ao acúmulo da água, esse evoluiu para um novo rio, rompendo suas margens, transbordando e capturando novas drenagens. Contornou as regiões elevadas de Civita Castellana, Sant'Ellia, o Monte Soratte e tomou novamente o rumo sul, dando uma volta por caminho diverso e encontrando, dezenas de quilômetros de distância, seu antigo curso.

Outra região interessante sob o ponto de vista turístico e científico é a área vulcânica do Monte Vulture. Com 1200 metros de altitude, situa-se no coração dos Apeninos meridionais, 150 km a sudeste do Vesúvio, em Basilicata. Afora os aspectos interessantes da geologia, do relevo e das pequenas e aprazíveis cidadezinhas locais, chama a atenção as dimensões gigantescas das árvores da região, únicas em tamanho na Itália. Esses gigantes vegetais encontram, no solo, à disposição e, em abundância, elementos químicos como o potássio, fósforo e nitrogênio, necessários aos seus metabolismos. Esses elementos são transportados pelas emanções gasosas originárias das câmaras magmáticas dos vulcões presentes e ascendem, através das fraturas que cortam as rochas da região. Esses elementos químicos impregnaram, também, a água do subsolo, de maneira que existem na região muitas e famosas águas minerais. A fonte de Gaudianello produz a impressionante volume de 250 milhões de garrafas/ano de uma deliciosa água mineral naturalmente aquecida a 36° C. A região possui, também, inúmeros lagos formados pelo represamento de cursos d'água pela queda de material vulcânico em seus vales, de maneira semelhante com o que ocorreu com o Tibre, em Sabatini. Infelizmente, essas fraturas tectônicas podem mover-se entre si, como ocorreu em agosto de 1851. A fricção de uma rocha contra outra gerou um terremoto de grande magnitude, matando cerca de 700 pessoas na região de Vulture. O último evento vulcânico da região deu-se há cerca de 600 mil anos atrás, entretanto, as emanções gasosas que fluem do subsolo para a atmosfera atestam que os vulcões não se encontram completamente extintos. Locais de interesse a serem visitados são as pequenas localidades de Melfi, com um castelo normando acima de um paredão de tufo amarelo, Rapolla, Avelino, Calitri, Sgarroni e Monticchio, esta última, com um hotel campestre, o Parco Eudria, encravado na mata, com termas e trilhas, de onde se avista o Monte Vulture a pouca distância.

Agora, o que exerce mesmo um fascínio para cientistas e leigos são os vulcões ativos, e na Itália encontram-se alguns dos mais famosos do mundo. Como, por exemplo, o Vesúvio, o mais

temível vulcão da Europa. Ele encontra-se quase dentro de Nápoles, e a liberação de sua energia interna acontece, principalmente, na forma de violentas explosões com o lançamento de rochas pulverizadas na atmosfera. Sua última atividade deu-se em 1944, sendo, tecnicamente considerado um vulcão ativo.

Com seus mais de 2.000 metros de altitude e sua quase constante coroa de nuvens, domina o Golfo de Nápoles, diante das verdes águas do mar Tirreno. Sua presença é bem marcada na cidade. As rochas que sustentam Nápolis foram todas formadas pelos produtos vulcânicos do Vesúvio, assim como as ilhotas que emergem na baía são, também, oriundas de suas possantes atividades vulcânicas ocorridas no passado. Nos seus arredores coexistem cerca de 20 comunidades, totalizando cerca de 800.000 habitantes, fazendo com que seja considerado o vulcão de mais alto risco urbano do mundo. Sendo um vulcão tão perigoso, porque se formou uma grande cidade aos seus pés? As respostas são várias, mas seguramente as principais seriam o desconhecimento histórico sobre o terrível passado do Vesúvio e a fertilidade natural de suas encostas, formadas por solos originários da decomposição de materiais vulcânicos. Fatores geográficos também estão envolvidos. Onde encontrar naquela parte da península uma baía tão bela e acolhedora como à baía de Nápolis, para os antigos navegantes? Em se tratando do Vesúvio, não se pode deixar de se fazer uma associação automática com as cidades romanas de Pompéia e Herculano, que desapareceram no ano 79 d.C. durante uma erupção vulcânica, após um período de 700 anos de dormência do vulcão. Essas cidades desapareceram subitamente para permanecerem no registro histórico do homem. Naquele dia fatídico de 24 de agosto do ano 79 d.C., portanto, há dezenove séculos atrás, a região da Campania sofreu um dos piores desastres originários por uma atividade vulcânica. Naquele dia, o Vesúvio entrou em atividade eruptiva, lançando sobre sua área circundante, cerca de quatro quilômetros cúbicos de lava. Foi um episódio relativamente bem suportado pela população, que à noite retornou às suas casas, julgando ter cessado a erupção. Foi, entretanto, pega de surpresa com o recomeço da atividade vulcânica, agora sob a fase explosiva. Uma imensa coluna de dezenas de quilômetros de altura de fumo, gases e poeira de rocha encandescente se formou sobre o vulcão, para, em seguida, desabar sobre as encostas da montanha, formando o que os geólogos chamam de queda e fluxo piroclásticos ou nuvens ardentes. Esses processos causaram a morte de milhares de pessoas e a destruição total de Herculano, Stabia e Pompéia.

Naquele fatídico ano para os habitantes da área do Vesúvio, o romano Plínio, o Jovem, devia informar o historiador Tacitus sobre as circunstâncias da morte de seu tio Plínio, o Velho, comandante romano enviado à região para auxiliar a população durante os eventos anteriores catastróficos do Vesúvio, e que falecera justamente em função daqueles episódios. Plínio descreveu essa erupção do ano 79 d. C. a bordo de um navio ao largo da costa napolitana. Detalhou minuciosamente as explosões, a nuvem piroclástica, em forma de cogumelo e seu colapso sobre a montanha. Observou o movimento, as cores, os raios e trovões que se formaram dentro da nuvem, assim como os terremotos associados ao evento. Seu relato é hoje considerado a primeira descrição científica de uma erupção vulcânica.

Hoje, pelo registro geológico daquela atividade do Vesúvio, na forma de camadas de rochas piroclásticas que podem ser encontradas na região, sabe-se que o material ejetado na atmosfera pelo vulcão espalhou-se, levado pelos ventos em duas direções principais, uma para nordeste, na direção de Avelino, e outra para o sul, na direção de Pompéia, alcançando, mais ao sul, a localidade de Agropoli, situada a 72 km do vulcão.

Os registros geológicos da cidade soterrada de Pompéia mostram que essa recebeu inicialmente uma chuva de pedregulhos ardentes formados por fragmentos de lava em resfriamento e pedra-pomes, lançadas durante a fase inicial, quando ocorreu a mais poderosa explosão do evento vulcânico. Esse material granular alcançou três-cinco metros de espessura em Pompéia, destruindo os tetos e colunas de suas residências e prédios públicos. Em seguida,

uma segunda fase explosiva, agora de menor energia, gerou enormes quantidades de fina cinza vulcânica, que lentamente foi preenchendo cavidades, obstruindo os abrigos e sufocando até a morte os habitantes e animais da cidade. Também essas cinzas alcançaram os três metros de espessura. Esses eventos destrutivos, ironicamente foram os responsáveis pela preservação da cidade frente aos vândalos que sistematicamente tem saqueado as cidades ao longo do tempo. Somente após 17 séculos os vestígios de Pompéia foram descobertos. O que as escavações mostraram maravilhou os cientistas, leigos, artistas e os poetas, pela engenhosa urbanização de suas vias, pelo estilo arquitetônico sofisticado de suas termas, residências e prédios públicos, e a delicadeza de seus afrescos e obras de arte. As escavações em Pompéia prosseguem até hoje, sendo que em meados de 2002 revelou uma surpresa. Arqueólogos descobriram que Pompéia foi fundada pelos Sarrasteus, um antigo povo itálico que há 3000 anos atrás habitava a região de Poggiomarino, situada à margem do rio Sarno, que corre a alguns quilômetros ao sul de Pompéia. Os Sarrasteus era um povo que tinha uma relação de vida e morte com a água, pois dela dependiam para o comércio, alimentação e transporte. Lutavam constantemente contra as enchentes do rio e as ruínas de sua antiga Poggiomarino, o que mostram as paliçadas, embarcações e objetos diversos de um povo oceânico. Uma época de poderosas enchentes finalmente, obrigou seus habitantes a abandonarem a cidade e fundaram Pompéia. Atualmente, as escavações mais recentes em Poggiomarino mostram oito níveis superpostos de palafitas, uns sobre os outros, sendo o mais antigo datado do século VI antes de Cristo, e o mais recente do século XIV da era moderna.

Estudos proporcionaram que Pompéia entrasse no círculo das cidades estratificadas, como muitas das que existem naquela área do Mediterrâneo, berço da civilização ocidental. A mais notável delas parece ser Tróia, descoberta por Schliemann, incansável arqueólogo amador que, na década de 1870, se dispôs, contrariando a opinião dos sábios da época, a encontrar a mítica Tróia, guiado unicamente pela descrição de Homero. Não só encontrou a verdadeira Tróia e o tesouro de Príamo, como nada menos que nove cidades enterradas superpostas umas sobre as outras. A mais antiga remonta à época em que o homem ainda não conhecia os metais e o seu nível mais recente era a cidade onde viveram Alexandre e Xerxes. Tróia, com seus muros destroçados e queimados, aparece nos segundo e terceiro níveis, acima do primeiro, mais antigo.

Herculano e Pompéia, portanto, não desapareceram na noite dos tempos de modo lento: foram subitamente enterradas por cinzas vulcânicas e, deste modo, estão magnificamente preservadas. Corpos de homens e animais, impregnados pela poeira vulcânica, foram preservados, em uma espécie de mumificação natural. Aparecem hoje nos museus como estátuas tétricas. São famosos o cão amarrado na corrente no estertor da morte e uma família à mesa durante a refeição. Tudo foi congelado no tempo: as expressões dos corpos, os móveis, os afrescos, os utensílios domésticos, os alimentos etc.

Os efeitos daquela erupção vulcânica descrita por Plínio foi naturalmente sentida também dentro de Nápolis. Ali, perto da área central da cidade, existe uma vila chamada Oplontis, que foi também soterrada. Acredita-se que tenha sido a residência de campo de alguma família romana importante. Hoje, totalmente recuperada, nos mostra o estilo de vida dos abastados da época, na forma de uma ampla construção, decorada com delicados afrescos coloridos de arranjos de flores, aves e animais africanos. Ali estão intactos a cozinha, banheiros, salas, quartos e poços. Na parte posterior da casa, uma grande piscina, atesta o poderio econômico de seus antigos proprietários. Nas paredes externas de Oplontis pode-se ver a causa de sua destruição, e também de sua preservação, na forma de um barranco vertical, parte preservada dos efeitos daquela erupção de 79 d.C. Ali se pode observar a estratificação horizontal dos fragmentos vulcânicos do Vesúvio, semelhantes a cascalho e areia, negros, ejetados de cerca de 25 km de distância. Uma coluna deitada de mármore branco trabalhado emerge parcialmente de dentro da negritude da rocha. Foi ali deixada para testificar o fenômeno e não deixa dúvidas sobre a

dinâmica do processo de soterramento. Ao lado, alguns metros acima desse paredão, o frenesi da cidade contrasta com a cidade imóvel, congelada no tempo.

O Vesúvio é monitorado pelo Observatório Vesuviano, um centro de pesquisa vulcanológica do governo italiano, que fica na encosta da montanha. Foi fundado em meados do século XIX, por Ferdinando II, da dinastia dos Borbons de Nápoles, sendo o mais antigo laboratório vulcanológico do mundo. Desde então, esse centro de pesquisa tem formado gerações de vulcanólogos e hoje constitui um centro de referência mundial sobre o assunto. O centro é também um museu, onde expõe equipamentos, amostras de rochas e vídeos relacionados ao vulcão.

Chama a atenção, também, a vegetação em torno do vulcão. Os produtos de uma erupção vulcânica sejam na forma de lavas ou cinzas são extremamente ricos em nutrientes químicos para os vegetais. Devido ao microclima chuvoso e úmido do local adjacente à montanha esses produtos vulcânicos sofreram uma rápida alteração intempérica, formando solos extremamente férteis, o que permitiu a instalação de uma vegetação luxuriante em suas encostas. Essa vegetação exótica – algumas espécies se adaptaram àquela atmosfera rica em vapores de enxofre – além de outras espécies primitivas como samambaias e musgos, além de árvores de grande porte, ambientaram-se naquele gigantesco nicho de pedra, umidade, gases vulcânicos e penumbra. Em função dessas características especialíssimas, toda a montanha com sua vegetação constitui um parque florestal, reduto turístico mais importante de Nápolis e objeto de estudo de vulcanólogos, botânicos, ornitólogos e geofísicos.

Em Nápoles, em local denominado Campi Flegrei, o turista pode sentir na pele e no olfato um ambiente vulcânico ativo. O local integra-se perfeitamente à cidade, pois é relativamente baixo e com grandes áreas planas, sendo cercado por ruas, bairros e praças, perto da praia. A área é resultante do colapso de uma caldeira vulcânica após uma erupção que ocorreu há cerca de 37.000 anos atrás. Com a liberação para a superfície dos gases e da lava aprisionados dentro da câmara magmática subterrânea, essa teve o seu teto rebaixado, comportamento esse que se refletiu na superfície do terreno. A observação do Campi Flegrei indica que o vulcão pode entrar em erupção novamente e a qualquer momento. Devido à urbanização em suas imediações, o risco vulcânico ali é enorme. A temperatura no local é extremamente alta, em alguns locais chega a ser insuportável. O próprio solo é ardente e as emanações sulfurosas tornam o ar irrespirável. No centro da área, algumas construções, na verdade pequenos quartos, serviram como saunas romanas aos antigos habitantes da cidade.

O terreno onde se anda é também pouco estável e sua altitude varia com a intensidade da pressão dentro da câmara magmática ainda ativa. O piso pode subir ou abaixar metros; pode-se observar melhor as conseqüências desse movimento vertical do terreno nas localidades de Serapeo e Pozzuoli, em pleno centro de Nápoles. Esses locais estavam cobertos pelas águas do Mediterrâneo há apenas 50 anos e, hoje, devido a esse movimento do terreno para cima, o mar foi expulso e as áreas foram reincorporadas à cidade.

Outro vulcão, o Marsili é o maior e o mais alto da Europa, com mais de três mil metros de altura e 60 km de comprimento. Com tão grandes dimensões, poucas pessoas já o viram, pois ele encontra-se totalmente submerso, no fundo do Mar Tirreno. Localizado há cerca de 150 km ao sul de Nápolis possui, ao seu redor, dezenas de crateras secundárias menores e ativas, denominadas vulcões satélites. O estudo científico mais elaborado desse vulcão é recente e tem surpreendido os oceanógrafos e vulcanólogos, como, por exemplo, quando se constatou que ali vivem colônias de corais brancos em um ecossistema completamente diverso dos ecossistemas coralíneos conhecidos. Aqueles seres, e muitos outros, expostos à presença de gases tóxicos e às altas temperaturas e pressões ali reinantes, fazem o seu metabolismo a partir do calor, da luz e dos componentes metálicos, originários das fontes térmicas mineralizadas emanadas das erupções submarinas do Marsili. Certamente, muitas outras descobertas serão feitas, notadamente no

campo da biologia, pois muitos seres como crustáceos e peixes se adaptaram naquele ambiente teoricamente hostil à vida.

Como ocorre em outras profundezas marinhas, descobriram, também, nas imediações do Marsili, o que os oceanógrafos chamam de nódulos polimetálicos, formados por concentrações de metais como manganês, cobre, chumbo e zinco, originários das emanações gasosas e que certamente chamarão a atenção do homem no futuro próximo. O Marsili é, ainda, potencialmente perigoso pela possibilidade de vir a gerar tsunamis – ondas marinhas de grande porte – como consequência de alguma possível explosão submarina, que afetaria de maneira drástica as costas da Itália na região.

Outro vulcão importante na Itália é o Stromboli, o qual forma uma ilha de pouco mais de 12 km², também no mar Tirreno, ao norte do estreito de Messina, entre a Sicília e a Calábria. Com cerca de 3.000m de altura, dos quais 924 metros acima do nível marinho, suas erupções se manifestam como explosões de baixa intensidade, liberando pequeno volume de lavas. É, portanto, um vulcão bem comportado e seu risco é muito menor que o do Vesúvio, uma vez que apenas 350 pessoas vivem em suas imediações.

Entretanto, no dia 30 de dezembro de 2002, o Stromboli acordou. Não resistiu ao aumento da pressão interna, se acumulando há décadas e, de repente, a ilha foi subitamente sacudida por uma violenta explosão que fragmentou parte de sua cúpula. Cerca de quatro milhões de metros cúbicos de lava e fragmentos de rochas deslizaram pelas suas encostas em direção ao mar. A entrada súbita de tamanha quantidade de materiais no mar fez com que esse recuasse em mais de 100 metros, expondo as areias e cascalhos do fundo marinho. As descrições feitas pela imprensa, baseadas nos testemunhos dos moradores foram impressionantes. Segundo elas, o assoalho marinho exposto estava repleto de fumarolas ou condutos secundários do vulcão emitindo gases. Podia-se ver, ainda, naquele fundo marinho sem água, milhares de peixes pulando, morrendo sufocados e, mais impressionante, servindo de pasto para os famintos e oportunistas gatos da ilha e aves marinhas que por ali se encontravam. Minutos depois, ocorreu a reação ao afastamento do mar, na forma de um tsunami. Segundo testemunhas, uma onda de 15 metros de altura abateu-se violentamente sobre a ilha, varrendo parte considerável do seu litoral. Uma testemunha sintetizou aquele momento narrando o terrível espetáculo de “barcos voando” para o interior da ilha. Pessoas perderam tudo, restando nas casas destroçadas uma grossa camada de lama e areia. A onda foi tão potente que danificou petroleiros ancorados a 35 km ao sul da ilha e impediu momentaneamente o transporte marinho a 180 km a oeste da ilha, na região de Ustica. Somava-se a tudo isso a pestilência do ar, uma sufocante mistura de enxofre, cinzas e vapor d’água.

Em todo o arquipélago a terra tremia e o mar borbulhava, em um fenômeno natural chamado *l’acqua che bolle*, ou que “ferve”, não pela temperatura, mas pelas emanações gasosas expelidas pelas fumarolas submarinas, notadamente entre as ilhas de Panarea e Ginostra, situadas a sudoeste do vulcão. A geologia nos ensina que todos esses fenômenos naquele local relacionam-se com a liberação das tensões entre a placa geológica da África que empurra a sua vizinha placa euro-asiática. É ainda interessante notar que o Stromboli estava sendo monitorado de perto pelos técnicos e as evidências mostradas pelo vulcão como a elevação do nível da lava em sua cratera, a recorrência de pequenos tremores de terra e o aumento das emanações gasosas em suas imediações eram indícios de uma erupção iminente. Esses estudos ficaram prontos na manhã do dia 30 de dezembro; no início da tarde desse mesmo dia, aconteceu a explosão da cúpula do vulcão.

Recentes estudos no Stromboli mostraram uma realidade potencialmente terrível e até então desconhecida. Constatou-se a existência de uma câmara magmática, com cerca de 300 m de diâmetro, suspensa, 200m abaixo de sua cúpula, ou seja, a 724 m acima do nível do mar. Essa câmara, saturada de magma, está envolvida apenas por uma modesta carapaça rochosa. No caso

de fraturamento dessa estrutura vulcânica, a súbita despressurização do sistema e a possível entrada de água na base dessa câmara poderia originar potentíssimas explosões em cadeia, pela súbita vaporização da água, fenômeno que faria parecer sua última erupção uma modesta tempestade de verão.

Entretanto, tem sido o Etna a chamar a atenção do mundo para a fenomenologia vulcânica. Situado na parte oriental da Sicília, imediatamente ao norte da cidade de Catânia, tem impressionado estudiosos e leigos por suas manifestações vulcânicas. Sendo o maior vulcão do continente, possui cerca de 3.000 m de altura, a qual varia com o tempo, dependendo da quantidade de lava acumulada ou removida pela erosão, em sua cúpula. Seu risco é inferior ao do Vesúvio, devido à grande altura de suas crateras, como também pelo caráter pouco explosivo de suas manifestações, uma vez que sua energia tem sido liberada na forma de fluxos tranquilos de lavas. Entretanto, todo vulcão representa um risco e, apesar disso, cerca de um milhão de pessoas vivem na província de Catânia, sob sua área de influência.

Em 26 de outubro de 2002, o Etna começou a expelir cinzas e lavas e a gerar tremores de terra, fenômenos que duraram até uma semana antes do Natal. Três meses de atividades contínuas são uma anomalia, dizem os “etnistas”, moradores locais. São assim denominados porque amam o vulcão e sua magnífica paisagem. Constroem casas de campo em suas encostas e muitos escritores e artistas de toda a Europa tem ali os seus refúgios.

Em 29 de outubro uma série de terremotos criou pânico nas comunidades de Giarre e San Venerina, situadas nas imediações do vulcão. No dia 13 de dezembro as companhias aéreas cancelaram os vôos para a Catânia, sob os protestos das populações daquela parte da Sicília. No dia 16 de dezembro, uma potente explosão com ejeção de material ardente e derrame de lava destruiu instalações turísticas, teleférico, vários veículos e casas, ferindo, 32 pessoas. Não poupou, também, o pequeno observatório vulcanológico da Universidade de Roma, ali instalado. Foi impressionante ver pela televisão, casas, instalações elétricas, veículos e, principalmente, árvores adultas serem lenta e inexoravelmente tomadas e assimiladas pela lava negra e vermelha, até, finalmente, desaparecerem sem deixar vestígios. Após o arrefecimento do magma, o que se vê hoje no local é uma rocha negra, dura e compacta.

Entretanto, apesar da característica pouco explosiva do Etna, quantidades significativas de poeira vulcânica foram lançadas na atmosfera naquele final de 2002 e a televisão mostrou que vários quilos de cinza vulcânica acumularam-se por cada metro quadrado da região da Catânia. A situação trouxe diversos problemas para a população. Aviões não podiam aterrizar, pois a cinza tornava as pistas escorregadias. A poeira em suspensão fazia com que as pessoas circulassem com lenços e máscaras e, durante o meio dia, os veículos circulavam com faróis acesos. As cinzas, muito finas, permaneciam por horas dispersas na atmosfera e penetravam nas turbinas dos jatos, podendo causar graves danos ao seu funcionamento. Por isso, os vôos da Alitalia de Roma-Catânia-Roma foram suspensos. Inconformado com a perda política, o governo local da Sicília alugou um jato de grande porte para o transporte regular da população para o continente. A repercussão política negativa do episódio levou o governo central da Itália a restaurar o serviço e a Alitalia voltou a fazer a ponte aérea Roma-Catânia-Roma. Naquela ocasião, um técnico da Alitalia mostrou na televisão, o perigo desta atitude: as cinzas podem penetrar nas turbinas e causar posteriores danos mecânicos. Uma outra reportagem mostrou o resultado da limpeza da turbina de um jato que tinha voado na região: cerca de 200 gramas de cinza vulcânica negra foram retiradas das palhetas internas.

Mas as surpresas que a natureza proporcionou a todos ao final de 2002 no Mediterrâneo italiano pareceram não ter fim. Na sequência dos tremores de terra, erupções vulcânicas e tsunamis, algo muito inusitado aconteceu no Estreito da Sicília. Mais exatamente em águas continentais italianas defronte a Tunísia, no nordeste da África. Para se entender o fenômeno,

vamos nos remontar ao século XIX, mais exatamente a julho de 1831. Naquele mês formou-se, por uma intensa atividade vulcânica, uma grande fenda no assoalho oceânico, a meio caminho entre as costas da Sicília e a Tunísia. A fenda conectou o fundo oceânico com uma câmara magmática, proporcionando o fluxo de enorme quantidade de lava, que foi se avolumando, crescendo em direção à superfície marinha. Primeiro formou-se uma montanha submarina, depois a lava ultrapassou o nível do mar formando uma ilha com 70m de altura e 700m de diâmetro. Uma ilha nada desprezível, diga-se de passagem.

Preocupadíssimos com a possibilidade de se formar uma conexão terrestre com a Tunísia, o governo siciliano enviou ao local uma nave de guerra e a ilha foi batizada de Ferdinanda, em homenagem ao seu rei na época. Acontece que as grandes potências européias da época também se interessaram por aquela nova área em uma região estrategicamente importante, a meio caminho entre a Europa e a África. A Inglaterra, maior potência econômica e militar da época, batizou-a rapidamente de Graham. Também a França se julgou no páreo e a denominou de Julie. Antes que a situação evoluísse para um incidente diplomático, no final de dezembro daquele mesmo ano, a jovem estrutura vulcânica de Ferdinanda entrou em colapso e a ilha, tomada pelas ondas mediterrâneas, soçobrou, voltando, aparentemente para sempre, ao fundo do mar, sob os suspiros aliviados dos sicilianos, que, aliás, não tinham nenhum cacife para enfrentar seus poderosos rivais continentais. Estava também afastado o temor, ou melhor dizendo, o terror, da ilha se transformar em uma conexão terrestre entre a África e a Sicília e esta poder ser acessada por terra pelos africanos. Mas o fantasma de Ferdinanda não tinha desaparecido e, para surpresa de uns e encanto de outros, uma nova Ferdinanda aflorou no mesmo lugar, no final de 2002, ao mesmo tempo em que o Etna e o Stromboli conturbavam o panorama geral do sul da Itália. Entretanto, devido à situação política internacional delicadíssima naquele final de ano, os governos interessados não cogitaram em abordar o problema de Ferdinanda. Tablóides ingleses, entretanto, davam a sua versão sobre a descoberta da ilha, que teria sido feita por um oficial inglês e fustigavam e incitavam seus cidadãos a fincar ali a Union Jack. Na Itália, o assunto foi destaque na imprensa que não deixava dúvida sobre a soberania italiana na ilha. Se a aparição da ilhota não for tão efêmera, um pequeno foco de tensão política pode acontecer envolvendo alguns dos mais importantes países europeus. Permanece um irresistível exercício de imaginação: o que aconteceria na esfera geopolítica internacional se realmente se estabelecesse conexão natural terrestre e perene entre a África e a Europa, como temiam os antigos sicilianos? Seria construído um muro, como os americanos e os israelenses estão construindo? Qual seria a reação dos racistas e separatistas italianos membros da Lega Nord que propuseram no parlamento italiano o afundamento puro e simples pela marinha italiana dos navios negreiros que trazem diuturnamente imigrantes clandestinos da Albânia e África para as costas da Itália? Mamma mia!!!

7 O gênio italiano

São os italianos velhos ou novos? Como nação pode-se dizer que são novos, novíssimos, uma vez que, ao contrário da França, Inglaterra e de outras nações européias, a Itália foi politicamente unida apenas na metade do século XIX. Entretanto, o povo é antigo, e muitas de suas características foram herdadas dos antigos habitantes da península que lá se estabeleceram há séculos antes de Cristo, como, por exemplo, o misterioso povo etrusco. Uma bela e incisiva descrição do povo italiano foi feita no início da segunda metade do século XIX pelo conde Henry d'Ideville, diplomata francês junto à Santa Sé: “o nosso amigo Fernand Delahante me disse que na verdade a Itália é a terra dos mortos. Como é verdade! Onde encontrar um povo mais velho, mais usado, mais corrupto e menos ingênuo? As inúmeras revoluções, as tiranias, as ocupações estrangeiras, a servidão, têm pesado demais nesse belo e infeliz país e lançaram dolorosamente no sangue da nação os vícios mais variados, juntamente com um grande senso político. Quando se

fala da jovem Itália, essa expressão faz rir. Quem é menos jovem, menos ingênuo, menos entusiasta do que o italiano? Acima de tudo é sutil, cético, astuto e interessado. Muito mais inteligente que nós, sabe calcular, esperar, bajular e dissimular, coisas a que nós não chegaremos nunca. Refeita a divisão do país, transformando-se em um só estado, reorganizado os governos e fronteiras, dê-lhe a constituição que querem e seu povo não mudará mais a raça e o temperamento. Então, quando o olhar, não lhe parecerá mais jovem. Conservará, com os seus defeitos, toda a sua preciosa qualidade.

Agradecimentos

Ao CNPq (Projeto 201115-95-6) os maiores agradecimentos pelo apoio ao pós-doutoramento do autor, em geologia, na Universidade de Perugia, Itália, durante o ano de 2002. À Mariana Clara Luz, pela inspiração. A Vittorio Sgarbi, ex-deputado, crítico de arte, maestro e professor, defenestrado vice-ministro da cultura do governo italiano de Berlusconi – que não o pôde suportar -, por sua bravura, cultura e independência.

Referências

- BONELLA, D.; BRUNORI, A.; CILIANI, A. **La rocca paolina**. Perugia: Guerra, 1995. 51 p.
- CASTELLANO, C. **La Sfida delle Imprese Italiane**. La Repubblica, 22/10/2002.
- CITA, M. B., CHIESA S., COLACICCHI, R., CRISCI, G. M., MASSIOTTA, P., PAROTTO, M. **Italian wines and geology**. Milano: BE-ME, 2004.
- CONY, C.H. **Perúgia, cidade verde do passado medieval**. **Jornal A Folha de São Paulo**. Ilustrada, 29/03/2002.
- GRION, L. **Nuovi Mestieri, è un boom c'è il Gastronauta e il tutor**. **La Repubblica**, 22/10/2002.
- LEWIS, N. **A Máfia por Dentro** (The Honoured Society- The Máfia Conspiracy Observed). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- LORETTA, S.; VALIGI, C. **Perugia-Orvieto-Assisi-Gubbio-Spoleto**. Perugia: Plurigraf, 1996.
- LOPES, J. A. Caderno D3. **Jornal O Estado de São Paulo**, 03/09/2004.
- MANNELLI, M. **Meravigliosa Firenze: Guida Ilustrada**. Firenze: **Agende Promozione Turistica**, Ed. A, 1988.
- MANZONI, A. **Os Noivos** (I Promessi Sposi). 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- McCULLOUGH, C. **A Coroa de Ervas**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1995.
- McCULLOUGH, C. **O Primeiro Homem de Roma**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1998.
- MAYES, F. **Sob o Sol da Toscana em Casa na Itália**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2002.
- MENGHINI, A. **Hortus Conclusus, Le Specie Eduli e Salutari dell'Orto Medievale di S. Pietro in Perugia** (escrito em italiano e em latim). Ed. Centro Stampa, Università di Perugia, Itália, 1997.
- MENGHINI, A. **Il giardino dello spirito**. Perugia: Orto Medievale di Perugia, 1998.
- PARKS, T. **Meus Vizinhos Italianos - História de um inglês na Itália**. 1ª. ed., Ed. Publifolha, 2003.
- SCERBANENCO, G. **O Anjo da Vingança**. Ed. Caminho de Bolso, Lisboa, 1968.
- REIS, E. A. **Burricé emocional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1998.
- TEGNO, J. **Ma come sono gli Italiani?** Perugia: Jivis, 2002.